

Alunos da Escola Classe Rodeador vencem distância a cavalo, a pé, de bicicleta para conseguir estudar

# LONGE SE VAI SONHANDO DEMAIS

Marcelo Abreu  
Da equipe do **Correio**

**P**ara eles, só ir à escola já é uma vitória. E não importa como. A pé, de bicicleta, de ônibus, a cavalo. Vencendo quilômetros, mato, escuridão. Só querem chegar. Essa é realidade dos alunos da Escola Classe Rodeador — colégio da zona rural de Brazlândia, de 1ª a 8ª séries, a pouco mais de 45 quilômetros do Plano Piloto.

São adolescentes que enfrentam a incerteza do futuro e mesmo assim decidiram estudar. “Eu não quero ser caseiro como meu pai”, decreta Mizael Ribeiro de Souza, de 16 anos, aluno da 7ª série.

Hoje, no Dia do Estudante, eles não ganharão presentes, não haverá festas nem sala decorada com frases de efeito. Não haverá pais levando filhos em carros importados. Não haverá bolo. Eles já são o próprio presente. Filhos de caseiros, empregados domésticos, agricultores, os alunos do Rodeador sentem-se recompensados por terem o privilégio de frequentar uma sala de aula. Mais: é a oportunidade que seus pais não tiveram e muito provavelmente a chance de mudarem o rumo de suas vidas.

E quase na virada do século — a poucos quilômetros do Palácio do Planalto, na capital da República — a cena é inusitada. Parece coisa do século passado. Carregando os cadernos debaixo do braço, alguns alunos vão a cavalo até um ponto determinado.

Deixam o animal na porta de uma chácara conhecida — saciam a sede com água de pote dada pelo morador generoso —, andam alguns quilômetros e chegam à pista. Lá, pegam o ônibus. Outros, preferem pedalar numa velha bicicleta. Alguns, mais dispostos, vêm a pé. Em média, gastam uma hora e meia caminhando. Sob chuva ou sol. “Quando chove, a frequência diminui”, constata a diretora Dirlene Pimentel Ataíde, de 40 anos.

Vencida a maratona, finalmente os alunos chegam à escola. Mais um dia. A aula será importante. Hoje, a professora de Português deve ensinar o que são termos da oração. Ela quer que seus alunos aprendam análise sintática. Se conseguirem explicar — e eles enten-

derem — o que é sujeito e predicado já terá valido a pena.

O menino que veio a cavalo aprenderá também alguns conteúdos numa sala equipada com computadores. Ele fica extasiado. Volta para casa com a cabeça fervilhando. O cavalo o espera debaixo de uma sombra na chácara do homem generoso. Há um longo caminho até chegar, antes que escureça.

## BRASÍLIA POR FOTOS

A maioria deles sequer conhece o Plano Piloto. Alguns viram Brasília por fotos. O aluno da 4ª série primária Gilmar Guedes da Silva, de 14, anos ficou imaginando “como seria o palácio onde mora o presidente.” À noite, as lições da escola são feitas à luz de lampião.

Na casa de Gilmar não há televisão nem aparelho de som. Ele anda a pé por 30 minutos até chegar ao ponto do ônibus — que só passa três vezes por dia: no início da manhã, às 12h e no final da tarde. Tiago Fábio da Silva, de 14 anos, prefere encarar a estrada esburacada e vai de bicicleta. “Já me acostumei”, resigna-se.

Dhalmsson Pereira, colega de Gilmar, ainda consegue fazer planos, apesar das dificuldades. Aos 16 anos, o menino que gosta de Matemática quer ser professor. “Pra passar o que aprendi a quem precisar”, explica. As dificuldades para estudar são muitas. “Tem dia que dá vontade de desistir, a distância até a escola é grande, mas eu quero ser alguém na vida. Acho que só com o estudo a gente pode pensar num futuro melhor.” Futuro? “Sim, ter uma vida boa.”

Jackson Rui Souza, de 13 anos, acorda às 5h da madrugada. Ele colhe morango e vende no Ceasa. Deixa o trabalho às 11h30, sem almoço. Conta desesperadamente com o lanche que servirão no colégio. Na Escola Classe Rodeador cursa a 4ª série. Órfão de pai, o garoto ganha R\$ 50 por semana. Entrega o dinheiro para a mãe. Ela saberá administrar. “Se estudar é importante? Claro, mas eu quero ser jogador de futebol pra conhecer o mundo”, planeja ele. O menino que quer conhecer o mundo também nunca esteve em Brasília. Pelas fotos que vê em revistas acha a Esplanada dos Ministérios “muito grande.”

Na parede da sala da direção — em letras verdes reluzentes — uma frase chama a atenção de quem entra: “A alegria está na luta, na tentativa, no sofrimento e não na vitória propriamente dita”. Talvez a frase explique a luta do menino que chega à escola a cavalo. Talvez ajude a explicar por que Mizael não quer ser caseiro como o pai. Talvez explique outras tantas coisas.

Sérgio Amaral



Tiago Fábio da Silva, 14 anos, vai para a escola de bicicleta, para não ter de esperar o ônibus que só passa três vezes por dia: “Já me acostumei!”

## Oitenta mil devem ser inscrever no PAS

Maria Graziella Bello, Camile de Matos e Flávio Aragão, estudantes da 1ª série do 2º grau do Centro de Ensino Sigma, almoçaram mais tarde ontem. Os colegas de sala de aula aproveitaram o pouco movimento na sala de inscrições do Programa de Avaliação Seriada (PAS), da Universidade de Brasília (UnB), para preencher o manual do candidato e evitar as filas de última hora. As inscrições para o PAS terminam dia 28. Ontem, no primeiro dia, a demanda foi pequena nas escolas.

O pai de Mariana, 15 anos, José Carlos Bertelli, não quis perder tempo. Ao meio-dia, aguardava a abertura da sala no primeiro piso do Sigma para acompanhar a inscrição da filha. Mariana, aluna da 1ª série, deixou a sala de aula às 12h50min. José

Carlos, que trabalha como contador na Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) foi o primeiro a ser atendido.

Ao lado da filha, que ainda não decidiu a opção para o vestibular, ele auxiliava no preenchimento do formulário. “Vim para dar uma força. É melhor evitar o tumulto depois, mas achei essa ficha complicada”, comentou José Carlos. Mariana demorou um pouco para preencher o formulário. Cuidadosa, observava cada detalhe. “Se errarmos, o jeito é fazer tudo de novo”, disse o pai.

O estudante Henrique Hideaki Mikami, 16 anos, foi outro que resolveu se adiantar. Com os documentos nas mãos, aguardou poucos minutos para ser atendido. Essa é a

primeira vez que ele participa do PAS. “É um método muito bom”, disse Henrique, que ainda não definiu o curso que pretende fazer. Não é o caso de Júlia Ferreira, 15 anos. Decidida a cursar Arquitetura na Universidade, Júlia também se inscreveu ontem para o PAS, mas teme pela concorrência. “Acho o programa interessante, mas a aprovação é difícil”, ressaltou.

O Centro de Seleção e Promoção de Eventos (Cespe) estima que uma média de 75 a 80 mil alunos participem das provas do PAS, que ocorrem em janeiro e fevereiro de 1999. Somente no Distrito Federal o Programa abrange 141 escolas. Em todo país, 1.096 estabelecimentos de ensino estão credenciados a receber as inscrições. Além dos estudantes do

DF, o sistema abrange alunos de estados como Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

Criado em 1996, como uma segunda via de acesso à universidade, o PAS é uma alternativa para os estudantes que não querem fazer o vestibular. Os alunos matriculados no 2º grau que optarem pelo Programa estarão concorrendo a 50% das vagas disponíveis na UnB no primeiro semestre do ano que vem.

### SERVIÇO

As inscrições do PAS prosseguem até o dia 28 de agosto nas escolas credenciadas. O Cespe também montou um posto de atendimento no ICC Norte, na UnB. Para a primeira e segunda etapas, a taxa de inscrição é de R\$ 45,00 e terceira etapa, R\$ 55,00. A taxa pode ser paga nas agências do Banco do Brasil.